

DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DAS CRIANÇAS COM SURDEZ

Rafaela Santos DALCIN¹

Prof.^a Esp. Rosângela Aparecida Araújo FERREIRA²

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade compreender de que forma se dá e o quão importância é a leitura para o desenvolvimento da criança com surdez, abordando métodos que são trabalhados em sala de aula, com ênfase nas dificuldades encontradas para a formação do aluno surdo como leitor. Acredita-se que essa discussão possa trazer para os profissionais da área da educação um melhor entendimento sobre o porquê de determinadas dificuldades dos alunos surdos com leitura, trazendo possíveis contribuições para melhores práticas de ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Desenvolvimento; Surdez

1. Introdução

O aluno com surdez encontra grandes dificuldades em sala de aula, sendo uma delas o desenvolvimento da leitura, tal dificuldade se dá não pela falta da audição e sim por se deparar com barreiras pelo caminho, podendo ser apontadas: falta de incentivo a leitura desde cedo, desconhecimento da própria língua materna, o não uso da língua de sinais pelos familiares, despreparo do professor, entre tantos outros pontos a serem discutidos ao decorrer do trabalho.

Este trabalho tem por finalidade compreender de que forma a leitura pode contribuir para a formação do surdo na vida em sociedade. Acreditando que o traçado histórico sobre a surdez traga uma melhor compreensão do assunto, podendo assim ser de grande relevância para melhorias do ensino.

As pessoas surdas passaram por muitos momentos de angústia na antiguidade, eram muitas as formas de se classificar a surdez, desde uma dádiva a um castigo, mas

¹ Pós-graduanda em Libras - Departamento de Pós-Graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – rafaelasantosdalcin@hotmail.com

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

sempre todas elas inferiorizando o surdo. Durante muito tempo a surdez significou ser condenado pela sociedade, a vida de um surdo não tinha valor em meio a uma cultura descartava tudo o que lhe fosse fora do padrão (OLIVEIRA, 2011).

Após tantos anos de sofrimento hoje o surdo tem seus direitos garantidos por lei, sendo um deles o direito a um ensino bilíngue, ensino esse onde se tem a língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2, direito que esta resumido no Decreto N° 5.626/05. (BRASIL, 2005)

A educação teve muitos avanços para os surdos, mas ainda é muito voltada para o ensino dos ouvintes o que acaba sendo mais uma das complicações encontradas pelos professores e alunos surdos, assim a leitura que é algo tão simples para muitos pode para ambos lados se tornar um grande contratempo. Quanto a essa questão Oliveira (2011) diz que, “ muitas das crianças surdas no Brasil vem sendo ensinadas da mesma forma que as crianças ouvintes, sem ser levada em conta sua forma particular de aprender por meio de experiências visuais.”(p.78)

2. Traçado histórico da surdez

Falar sobre surdez pode para muitas pessoas ainda ser um tabu, ainda mais complicado pode ser colocar em pratica os direitos assegurados às pessoas surdas. Mas para compreender tal questão nada melhor que voltar ao passado e traçar um pouco do histórico da surdez.

Saber que tem um filho surdo pode ser em primeiro momento um grande choque para os pais, podendo eles passar por um estagio de negação se recusando a aceitar a deficiência do filho. Restabelecendo-se do choque é natural que a família opte por alguma “solução” que seja voltada para o oralismo, onde de alguma forma seu filho possa escutar e vir a desenvolver a fala, buscando pela língua de sinais quando não mais encontra outra solução a não ser essa.

A surdez, saber cuidar de uma criança surda, é algo “misterioso” que necessita ser desvendado. A imagem do surdo é comparada, sem nenhum exagero, à idéia de algo “monstruoso”. Isso ocorre em função das cobranças sociais do que seja um ser humano “normal” e dos mistérios- e medos- que envolvem o nascimento de um filho “anormal”. (SANTANA, 2007, p.26)

Querer possibilitar o surdo a falar e escutar vem desde antigamente, onde se podia utilizar até mesmo da crueldade, tudo em nome de experiências pela busca da “cura” para a surdez. Além de que podia ser o surdo apontado como uma dádiva de Deus a algo demoníaco. Foram muitas as diferentes formas de se compreender a surdez, sendo cada concepção decorrente de uma época.

Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados. Até mesmo na bíblia pode-se perceber uma posição negativa em relação à surdez. (GOLDFELD, 2001, p.27)

Olhar para o passado em busca de saber sobre a surdez é se deparar com momentos de sofrimento e angústia, onde a pessoa surda era marginalizada, ignorada e até considerada inferior, é como se de alguma forma o surdo tivesse de buscar se enquadrar a sociedade. Sendo considerado tão fora do padrão que tanto o bebê surdo ou o que nascesse com qualquer outra deficiência podiam eles em muitas culturas serem assassinados. E mesmo quando aceitos, isso por terem suas condições vistas como vontade de Deus, tinham os surdos algumas restrições como, casamento, bens ou heranças.

As principais civilizações da época eliminavam os surdos de diferentes formas como, por exemplo, os chineses, que lançavam ao mar. Já os gauleses os sacrificavam aos deuses, e na Grécia, principalmente em Esparta, eram lançados do alto dos rochedos. (OLIVEIRA, 2011, p.29)

A igreja no início da Idade Moderna via a deficiência como uma punição de Deus, pois remetia a semelhança que diz ter o homem como Deus à perfeição física e mental. Acreditava-se que um filho com deficiência era a forma dos pais estarem pagando por seus pecados.

Deixando de lado o olhar religioso, passa-se na Idade Moderna a se pensar na educação para surdos, médicos procuram saber mais sobre a questão e educadores buscam garantir a aprendizagem dos surdos através da datilografia, escrita e fala.

Surgindo então na Inglaterra no século XVII a língua de sinais utilizada no ensino de surdos, sendo a mesma chamada por John Bulwer de “linguagem da mão” (OLIVEIRA, 2011)

No século seguinte XVIII, houve um grande avanço na educação para surdos com o seguimento de varias escolas ao redor do mundo, possibilitando a capacitação da pessoa surda em diferentes questões. Sendo o Abade Charles Michel de L’pée um dos grandes responsáveis por essa transformação no campo de educação para surdos.

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, em todo o mundo civilizado, a saída dos surdos da negligencia e da obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornara-se subitamente possíveis.(SACKS apud GOLDFELD, 2001, p.29)

Já no início da Idade Contemporânea, final da Idade Moderna fica marcado pela questão da disputa entre os defensores da língua de sinais verso os que buscavam pelo oralismo. Tendo alguns anos mais tarde nos Estados Unidos o surgimento de uma escola para surdos, onde usava-se a Língua Gestual Americana (ASL American Sign Language). Mesmo com tantos defensores da língua de sinais, ainda se tinha o oralismo como necessidade, sendo ele tão cobrado que chegou a um momento onde muitas escolas deixaram o uso de sinais para focar no ensino da fala. (OLIVEIRA, 2011)

Chegando então ao ano de 1880 onde foi realizado o Congresso de Milão, conferencia composta por maioria de educadores ouvintes, que teve a decisão de excluir o uso da língua de sinais das escolas, dando preferência a língua oral. Professores surdos foram tirados das salas de aula sendo substituídos por professores ouvintes, mais um momento da historia de tristeza para a pessoa com surdez, pois eram privadas do uso da língua de sinais sendo forçadas a “falar”. O oralismo venceu e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibido. Porem percebendo com o passar do tempo a falta de sucesso do oralismo com a educação dos surdos, compreendeu-se a importância do uso da língua de sinais, respeitando que a fala ou leitura labial deveriam ser utilizadas de acordo com a capacidade de cada pessoa com surdez.

Dando assim início ao bilinguismo, método em que se utiliza a língua de sinais como primeira língua e a segunda a língua do país utilizada através da escrita. (GOLDFELD, 2001)

3. Bilinguismo

Negar ao surdo o direito ao uso da língua de sinais ou negá-la como língua é o mesmo que estar negando a ele sua cultura, com isso em busca ao direito e reconhecimento de tal língua hoje conta-se reconhecida por lei, Libras (Língua Brasileira de Sinais) como forma de comunicação, além de assegurar aos surdos o direito para formação escolar. A Lei nº10.436/02 no seu Art. 10 “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” (BRASIL, 2002)

Sendo assim o surdo tem atualmente uma proposta de ensino bilíngue, onde o objetivo é que o surdo utilize de forma paralela as duas línguas, mas sempre respeitando a língua de sinais como sua primeira língua, possibilitando assim ao indivíduo surdo se desenvolver intelectual e socialmente, de acordo com o Art. 14 “As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.” (BRASIL, 2005)

Com isso espera-se que o aluno surdo tenha seu desenvolvimento tanto no cognitivo quanto o linguístico com as mesmas possibilidades que os demais

Foram muitas e durante anos as tentativas de fazer com que o surdo se enquadrasse em um perfil traçado pela sociedade, ter hoje a língua de sinais reconhecida por lei e presente no âmbito escolar, mesmo em meio às muitas dificuldades que ainda existem, é uma grande conquista e avanço para a comunidade surda.

O processo de inclusão é desafiador, tanto para educando como para profissionais. Os obstáculos para a inclusão são diversos, porém podem ser superados pela formação de consciência da humanidade acerca das possibilidades humanas. (OLIVEIRA, 2011, p.58)

4. Inclusão escolar

A criança trás consigo valores adquiridos de sua família, mas não é esse o único meio formador da mesma, pois com o decorrer da vida essa criança ao ser inserida a outros ambientes terá agregado novos conhecimentos e formas de ver o mundo. Sabendo então que a interação com outros ambientes além do familiar tem grande referencia na formação da criança, pode-se então ser a escola um dos maiores meios de se encontrar uma imensa diversidade de influências.

A escola é um meio socializador, onde a criança tem a possibilidade de interagir com outras crianças e assim conhecer outras culturas e formas de pensar, é ambiente onde se encontra o necessário para ampliar conhecimento e habilidades, lugar para aprender a conviver com as diferenças e respeitá-las.

“O propósito principal da educação escolar é ensinar habilidades cognitivas e informações, mas a escola faz mais do que isso. É um pequeno sistema social em que as crianças aprendem regras de moralidade, convenções sociais, atitudes e modalidades de se relacionar com os outros. Muitas vezes as escolas proporcionam às crianças a rede principal de grupos de companheiros...” (MUSSEN et al, 1988, p.402)

É na escola que algumas crianças descobrem que existem pessoas diferentes umas das outras, não somente por raça ou questão econômica, mas também por algumas terem algum tipo de deficiência, podendo ser ela física ou intelectual. Cabe a toda equipe escolar, professores, direção e coordenação saber de que forma integrar essas diferenças e possibilitar que o aluno com deficiência se desenvolva assim como os outros.

O aluno surdo, por exemplo, para que a inclusão aconteça de forma eficiente, é preciso que se tenha um interprete de Libras a sua disposição, sendo o interprete como um intermediário entre a Libras e a Língua Portuguesa, não bastando somente esse profissional para que o desenvolvimento do surdo aconteça com eficácia, seria preciso toda uma adequação didática, metodológica de ensino e que os profissionais buscassem saber mais sobre surdez. A falta de informação gera muitos equívocos sobre a surdez, fazendo com que a pessoa surda tenha suas qualidades e capacidades reduzidas em questão ao que realmente são.

Mesmo em meio a tantas conquistas sendo uma delas a educação, sofre o surdo ainda muito preconceito em questão a aprendizagem, como se a língua de sinais limitasse o conhecimento obtido pelo aluno surdo.

Tenho que cair no lugar-comum para reforçar que não se trata de dificuldade intelectual e sim de oportunidade. Oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as diferenças linguísticas; que promova acesso à língua padrão: que no caso dos surdos, tenha professores proficientes na língua de sinais: que permita a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos...(GESSER, 2009, p.57)

A educação Inclusiva compreende que todo aluno tem sua particularidade, com isso procura garantir um bom desenvolvimento dos alunos com e sem deficiência, em que todos devem aprender o mesmo conteúdo com adequações a suas necessidades. Deveria ser garantido ao surdo e demais, todos os meios possíveis para que a aprendizagem seja eficaz.

5. Como se da ao desenvolvimento da leitura com a criança surda

Além de despertar emoções a leitura também forma o individuo para a vida, exercitar a leitura aprimora habilidades para comunicação, criatividade, raciocínio além de enriquecer culturalmente, socialmente e o intelecto, o que significa um aumento na facilidade para a compreensão de conteúdos.

A leitura cumpre varias funções que vão desde a de divertir, em que o procedimento é mais espontâneo, até aquelas que exigem do leitor processos mentais mais elaborados e nas quais o conhecimento prévio sobre o assunto se faz necessário (SALLES et al, 2004, p.20)

Sendo tão importante para o desenvolvimento, quanto antes for à leitura apresentada para uma criança melhor será o resultado, portanto o incentivo a leitura não cabe somente a escola, mas também a família. A leitura é uma necessidade não somente para que se possa ler um artigo ou livro, e sim uma base para que a pessoa possa ter uma atuação política, cultural e até mesmo para que saiba compreender questões econômicas, ler é combustível que alimenta o conhecimento para a vida em sociedade. É através da leitura que se conclui o aprendizado adquirido com a vivencia e avança para novos conhecimentos.

A criança chega a escola com certa noção de leitura, reconhecendo imagens e símbolos. Pelo menos é o que acontece com as crianças ouvintes, já as surdas na maioria dos casos chegam com um conhecimento muito vago ou nada dele, isso se deve ao fato de que muitas famílias de crianças surdas são ouvintes e desconhece a língua de sinais, o que acaba por privar a criança da leitura e até do convívio social. (PEREIRA, 2009)

Não ter acesso à língua de sinais significa um grande atraso de conhecimento para a criança surda, não pela falta de audição e sim pela falta de uma língua que sirva de base a ela. Essa mesma criança ao chegar a sala de aula se depara com uma grande dificuldade em aprender a Língua Portuguesa. Um indivíduo que desconhece sua língua materna (Libras) como aprenderá uma segunda? (QUADROS, 2008)

Mesmo o aluno surdo que faz uso da língua de sinais acaba encontrando algumas complicações em sala de aula, como a questão da escrita, que alguns professores por desconhecerem que a língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical, acabam julgando como errada. Com tal equívoco acaba-se por forçar o surdo a escrever como ouvinte, e assim o mesmo não compreende o que escreve e tão pouco o que lê.

O ensino ainda é em grande parte voltado para os ouvintes, o professor fica desorientado em saber de que forma ministrar as aulas quando se depara com o aluno com surdez em sala de aula, pois precisa trabalhar com esse aluno o mesmo conteúdo que com os demais. Com tantas dificuldades observa-se que somente o apoio do Intérprete não basta, para que o aluno surdo leia e compreenda a leitura seria preciso recorrer a recursos visuais. A falta de audição é suprida pelos olhos que estão sempre atentos e captando cada detalhe. Quanto a isso afirma que:

Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto (QUADROS, SCHMIEDT, 2006, p.41)

A imagem remete ao surdo maior sentido ao conteúdo apresentado, mesmo o professor não sabendo a língua de sinais, com o auxílio de símbolos e imagens o aluno compreende de que se trata o assunto. Letras moveis, palavras identificadas em Libras juntamente com a utilização da imagem real e na escrita em Português e assim como

também o uso do alfabeto manual, são exemplos de atividades possíveis de se trabalhar em sala .

Considerações finais

O artigo apresentado ressalta a importância da leitura para o desenvolvimento da criança surda não apenas para a vida escolar, como também para a vida em sociedade, apontando ao fato para que a mesma consiga compreender de que forma se dá a leitura, antes é necessário que se tenha conhecimento da língua de sinais (língua materna dos surdos) e de suas especificidades em relação a estrutura gramatical própria.

Entende-se através da pesquisa realizada que, as grandes dificuldades decorrentes na escola não são pela questão da surdez patologicamente dita e sim pela carência de conhecimento dos professores sobre a Língua de Sinais e a abordagem utilizada em atividades com um aluno surdo, ou em alguns casos, pode-se até mesmo citar a falta do acesso a Língua de Sinais do próprio com surdez, algo não atípico e que pode acontecer pela questão do meio familiar. Compreende-se então que a prática da leitura é uma base para a formação não apenas acadêmica do indivíduo mas também contribui para seu convívio em comunidade, contudo é preciso que para formar um surdo leitor se explore todas as formas possíveis de letramento e que a escola o proporcione condições necessárias para compreensão da Língua Portuguesa, sempre respeitando sua primeira língua – Libras.

Referencias

GESSER, A. **LBRAS? que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2001.

MUSSEN, P. H. et al. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1988.

OLIVEIRA, L. A. **Fundamentos históricos, biológicos e legais da surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S-A, 2011.

PEREIRA, M. C. da C. **Leitura, Escrita e Surdez**. 2 ed. São Paulo: FDF, 2009.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

QUADROS, R. M. de; SCHMLEDT, M. L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALES, H. M. L. et al. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para prática pedagógica**. 2 ed. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

BASIL, Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Brasília, DF, out 2017. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/821803.pdf>. Acesso em: 03 out. 2017.